



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Giovanna Chinellato

Até quando?

A batalha de uma mãe de 63 anos para encontrar a filha desaparecida

RELATÓRIO
do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à disciplina de *Projetos Experimentais*
Orientador: Profº Jorge Kanehide Ijuim

FICHA DO TCC		Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC	
ANO	2013.2		
ALUNO	Giovanna Chinellato		
TÍTULO	Até Quando?		
ORIENTADOR	Jorge Ijuim		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	<input checked="" type="checkbox"/> Florianópolis <input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	Desaparecidos, perfil jornalístico		
RESUMO	<p>A reportagem é o perfil de Lenore Xavier, de 63 anos, que está há dois anos e oito meses procurando a filha desaparecida, Joana Xavier. Joana fugiu aos 33 anos de uma pensão protegida em Canasvieiras onde estava sendo tratada de uma depressão. No mesmo dia, Lenore percorreu várias regiões do norte da ilha e só uma semana depois descobriu que ela fora vista em Jurerê Internacional, pedindo carona debaixo de chuva. A reportagem traz, a partir da história dessa mãe, dados sobre desaparecidos em todo o Brasil, criação de programas e delegacias policiais, falhas no sistema de busca e cadastro de desaparecidos. A reportagem foi desenvolvida no formato da revista Piauí, com uma foto principal e ilustrações para demais páginas.</p>		

SUMÁRIO

1. Resumo	03
2. Justificativa	03
3. Contexto	04
4. Processo de Produção	04
4.1 - Apuração e fontes	04
4.2 - Redação do texto	05
4.3 - Desenhos e diagramação	06
5. Dificuldades e Aprendizados	06
6. Referências	08

1. Resumo

A reportagem é o perfil de Lenore Xavier, de 63 anos, que está há dois anos e oito meses procurando a filha desaparecida, Joana Xavier. Joana fugiu aos 33 anos de uma pensão protegida em Canasvieiras onde estava sendo tratada de uma depressão. No mesmo dia, Lenore percorreu várias regiões do norte da ilha e só uma semana depois descobriu que ela fora vista em Jurerê Internacional, pedindo carona debaixo de chuva. A reportagem traz, a partir da história dessa mãe, dados sobre desaparecidos em todo o Brasil, criação de programas e delegacias policiais, falhas no sistema de busca e cadastro de desaparecidos. O texto foi desenvolvido para o formato revista mensal, com foto e ilustrações.

2. Justificativas

A última pesquisa sobre pessoas desaparecidas, realizada em 1999 pelo Movimento Nacional pelos Direitos Humanos em conjunto com o Ministério Público Federal, determinou que desaparecem 200 mil pessoas por ano no Brasil. A Delegacia de Pessoas Desaparecidas de Santa Catarina foi inaugurada em 24 de setembro de 2013 com 2 mil casos em aberto, registrados no período de um ano anterior a esta data. Os dados são vagos e numerosos por conta de diversas falhas operacionais. Não existe, por exemplo, um cadastro nacional de pessoas desaparecidas, nem um sistema que repasse as informações de um BO entre delegacias.

Por esse motivo, a cobertura da mídia tradicional sobre desaparecidos já vinha me incomodando há muito tempo. Observo uma falta de abordagens concretas com divulgação dessas falhas e da dimensão do problema – as publicações que tratam do tema são meros serviços sobre abertura de delegacias ou matérias sensacionalistas de acontecimentos chocantes (a exemplo dos primeiros dias do “Caso Joaquim”). E como, para Silva, “o jornalista não pode ser apenas um mediador de conflitos, nem um indivíduo centralizado no passado, mas necessita perceber os detalhes da vida diária”, entendi o tema desaparecidos como de grande relevância para a realidade atual do país.

Por conta da seriedade do tema, e da aparente falta de interesse do público, escolhi fazer a reportagem no formato de um perfil, pois queria que o leitor se colocasse no lugar dessa mãe. Para Villas Boas (2003):

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem.

Além disso, a contextualização da reportagem mostra essa oposição entre a seriedade do tema e o descaso com que é tratado pela nossa sociedade e o governo.

Dessa forma, como destaca Medina, “a identificação com anônimos e histórias de vida (...) e preferência pela informação humanizada, exemplificada na vida cotidiana e pelos heróis da aventura contemporânea, fazem o universo social estar presente dentro dela.” (MEDINA, 2002, p.63)

A escolha de uma mídia impressa se dá por conta do nível de profundidade que o perfil proporciona. Para Sontag (2003), a narrativa escrita é uma forma mais efetiva de mobilizar as pessoas a se opor a uma realidade do que a narrativa visual, “parcialmente por conta do tempo que o leitor é obrigado a olhar, a sentir” (p. 95).

3. Contexto

A ideia de escrever o perfil de uma mãe comum que está buscando um filho desaparecido surgiu na época em que eu cursava a disciplina do Jornal Zero. Como não pude escrever a reportagem para o jornal laboratório (estava ocupada com outros assuntos), decidi transformá-la no meu TCC quando desisti do projeto inicial, já em outubro.

O objetivo do trabalho é sensibilizar as pessoas através da história dessa mãe, Lenore, que busca há dois anos e oito meses a filha Joana, de 35 anos. Encontrei Lenore por meio de uma ONG local, Portal da Esperança. O presidente-fundador Gerson, sugeriu que eu conversasse com Lenore para o trabalho, pois ela não estava mais participando das ações da ONG, ficava em casa, sozinha, o dia todo, ligando para policiais e atualizando o Facebook. Senti que sua história era exatamente o que eu estava precisando para meu trabalho, uma mãe que já está perdendo as esperanças mas tem medo de desistir. Quando a conheci, percebi que ela também sabia que sua história precisa e merece ser contada.

4. Processo de Produção

4.1 - Apuração e Fontes

A ideia para essa reportagem surgiu quando eu cursava a disciplina do Jornal Zero. No semestre anterior ao meu, a colega Ediane Mattos havia feito uma matéria sobre desaparecidos de uma maneira geral. Foi através dela que consegui o contato do Gerson, do Portal Esperança. E, num efeito cascata, através dele o de Lenore, e dela o da Amanda.

A entrevista presencial com Lenore aconteceu em sua casa, e foi menos difícil do que o esperado, pois ela queria falar, queria contar como era a filha, como é viver sem ela, como foi a busca por ela nos primeiros dias, e como tem sido a vida depois disso. Em um dado momento, ela precisou de um cigarro. Fumou um atrás do outro até o final. Algumas perguntas a fizeram tirar o óculos e limpar as lágrimas, mas fez questão de responder a tudo que perguntei. Senti uma certa relutância em dizer o

motivo da depressão da filha, que levou a seu internamento e posterior fuga/desaparecimento. Não me senti no direito de pressioná-la por causa de um TCC. Eu já havia entrado em sua casa, em sua vida, perguntado sobre aquilo que a faz chorar todos os dias, não vejo porque pressioná-la a responder algo que aparentemente a incomoda de uma maneira diferente.

A segunda entrevista foi com o Gerson, do Portal, e aconteceu durante as gravações do quadro Desaparecidos da RBS, no centro da cidade. Aproveitei a ocasião para conversar com as outras mães sobre Lenore, o que foi fundamental para o seu perfil e, também, para um entendimento da situação das famílias (eu queria ter certeza de que não estava escrevendo sobre um caso peculiar e sim recorrendo a essa história para exemplificar a dor de todas as famílias). Gerson foi uma excelente fonte, pois está há mais de 20 anos trabalhando com o tema e é uma ótima pessoa. Enquanto Lenore mostra a dor de uma mãe, ele mostra que é possível acabar com essa dor, desde que as pessoas (cidadãos e políticos) se importem.

Foi durante a gravação do programa da RBS que conversei com o pai de um menino morto pelo tráfico de drogas. Escolhi ocultar seu nome, pois já sofreu várias ameaças por continuar procurando o corpo do menino. Só esse pai tinha uma história que renderia outro perfil inteiro. Ele trouxe mais um ângulo da realidade dos desaparecidos que eu não tinha pensado inicialmente – por mais que se saiba que a pessoa está morta, enquanto não tem um corpo, não tem um crime e nem uma investigação.

Também na gravação do quadro conheci Kátia, uma senhora simples e humilde que estava em total desespero porque a filha de 11 anos desapareceu de um abrigo. Acredito que a imagem dessa mãe segurando uma foto 3x4 e tremendo tenha dado um peso forte à matéria, porque mostra o desespero inicial que eu não tinha como descrever com tanta precisão na história de Lenore.

As demais entrevistas, menos importantes a meu ver, foram não-presenciais. Conversei com a Amanda (SP), fundadora da ONG Desaparecidos do Brasil (citada pela Lenore), pelo Facebook, e com os órgãos públicos pelo telefone. Apurei ainda, pela internet, os sistemas de busca por desaparecidos em outros países, o sistema Alerta que encontra carros roubados no Brasil muito mais rápido do que as delegacias encontram pessoas desaparecidas, e outras informações secundárias para dar uma base mais sólida à matéria.

4.2 - Redação do texto

Estruturei a reportagem de forma a contrastar a história de Lenore com os dados e contextos sobre desaparecidos, separados por um espaço entre os parágrafos e capitular – como na revista Piauí. Deixei minha narrativa intercalada a suas falas, pois queria que o leitor “escutasse” o que ela tinha para falar, tentei descrever sua vida com os dados que me forneceu, e seus sentimentos com as falas.

A entrevista de Lenore foi gravada (e anotada) e só transcrevi o áudio depois de conversar com as outras fontes. Isso facilitou o encaixe das informações na hora de escrever a matéria – conforme ia organizando as falas, eu já sabia qual entrevistado e quais dados poderiam vir a seguir.

4.3 - Desenhos e diagramação

A reportagem foi diagramada no formato da revista Piauí pois acredito que a proposta se enquadra no seu projeto editorial. Consegui baixar as fontes de tipos pela internet e a estrutura das páginas foi baseada no estilo da revista. Os desenhos foram simples de fazer, apesar de se enquadrarem numa versão mais antiga da Piauí que ilustrava de acordo com o tema da matéria. Hoje, a revista publica uma mesma série de ilustrações ao longo de todo exemplar, que não tem relação nenhuma com as matérias (com exceção de algumas editoriais menores). Optei por fazer ilustrações que tenham a ver com o tema pois, sem o restante da revista, ilustrar três páginas com qualquer outro tema ficaria desconexo.

5 Dificuldades e Aprendizados

O mais difícil de toda reportagem foi conversar com o pai que chamei de L. na matéria, porque começou a chorar, a soluçar, e eu não sabia o que fazer. Ninguém que não tenha passado por essa dor sabe o que fazer, eu acho. Nada no curso prepara o jornalista para essa situação – na verdade nem se discute esse aspecto humano. Quem ajudou o pai a se acalmar foi uma das mães de desaparecidos que estava por perto, ela (que também estava quase chorando depois do término das gravações do quadro) pôs o braço nas costas dele e murmurou alguma coisa. Isso tinha que ser discutido na universidade, a ética do nosso trabalho não está numa lista de códigos, está nessas situações, e acredito que é por conta desse despreparo dos profissionais que existem tantas matérias distantes na mídia.

A outra dificuldade que encontrei é a mesma que afetou várias disciplinas da minha graduação: incomodar as pessoas por uma matéria que a princípio não importa para mais ninguém a não ser eu mesma, pois não vai ser publicada. Para contornar isso (eu definitivamente não ia atrapalhar a vida das pessoas por um TCC), certifiquei-me de que o trabalho seria publicado em algum lugar. Eu trabalhei no Portal Voluntários Online e conversei com a coordenadora de comunicação sobre a reportagem, ela me deu total liberdade para publicar no blog do portal, que tem mais de 65 mil voluntários cadastrados, e fiz questão de dizer isso para os entrevistados.

O grande aprendizado para essa reportagem foi o lado humano da matéria. Lidar de frente com o sofrimento das pessoas é rotina no trabalho jornalístico, mas raro durante a graduação. Apesar de já ter trabalhado em muitas ONGs e conversado com pessoas em situações horríveis, foi a primeira vez que tive de fazer perguntas e conseguir informações de alguém numa situação assim. Acredito que por isso tive

tanta necessidade de acreditar que o trabalho não seria importante apenas para mim, mas também para eles.

A experiência de escrever uma grande reportagem também foi novidade. As maiores matérias que fazemos no curso têm em torno de 12 mil caracteres, e essa tem o dobro disso. O aprendizado nesse caso se dá principalmente no domínio do texto, é fundamental manter o leitor interessado até o final, e, para isso, optei por uma narrativa num tempo quase cronológico, sequencial, em que a pessoa não fique entediada na descrição dos acontecimentos.

6 Referências

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. Revista Estudos em jornalismo e mídia, 2010, semestral, vol. 7, nº 2, julho a dezembro 2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/15019/14470>. Acesso em 19 de novembro de 2013.

SONTAG, Susan. **Regarding the pain of others**. Nova Iorque: Picador, 2003.

VILLAS BOAS, Sergio. **Perfis** – e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.